

INTRODUÇÃO A ANÁLISE DO DISCURSO PEDAGÓGICO NO ESCOPO DAS DISCUSSÕES DO OBSERVATÓRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO

Marciel Alan Freitas de CASTRO
Antônia Claudia de Lucena FREITAS
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

RESUMO

O presente trabalho insere no analisa as produções de recontos orais no Ensino Fundamental I sob a perspectiva da AD francesa. Para tanto, o trabalho tomou como embasamento teórico os estudos de pesquisadores como Authier Revuz (1990, 1998, 2004a, 2004b), Mussalin (2001) dentre outros, na finalidade de compor o referencial teórico desse trabalho. Na fundamentação teórica abordaremos alguns conceitos básicos e fundamentais acerca dos estudos da Análise do Discurso (AD), expondo como objeto de estudo o “Discurso pedagógico” no contexto social e cultural de usuários da língua, assim como as acepções concernentes ao objeto de estudo da Análise do Discurso (AD) enfatizadas por Mussalin (2001). Após essas explicitações teóricas, o trabalho se encaminhará para análise de *reconto oral* constituído como *corpus* do presente trabalho, a fim de subsidiar nossas discussões, adotamos como base algumas categorias que enlaçam o discurso pedagógico, 1º quando o aluno traz o discurso de um terceiro (professor, escritor, ou outro colega de classe), 2º o aluno como porta-voz do discurso de um terceiro (professor, dentre outros), e por último o aluno como tradutor do discurso do outro, a fim de atender aos objetivos deste trabalho, no que diz respeito à prática do professor de Língua Materna (LM).

PALAVRAS CHAVE:Análise do Discurso. Recontos orais. Ensino Fundamental I.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho insere no âmbito das discussões da Análise do Discurso (AD) e tem como objetivo analisar as produções de recontos orais no Ensino Fundamental I sob a perspectiva da AD francesa. No qual pretendemos estudar o discurso heterogêneo ou plural, no qual o sujeito vai de encontro a outros discursos que se inscreve na cadeia discursiva através de formas marcadas (orais e escritas).

Para tanto, o trabalho tomou como embasamento teórico os estudos de pesquisadores como Authier Revuz (1990, 1998, 2004^a, 2004b), Mussalin (2001), dentre outros, na finalidade de compor o referencial teórico dessa abordagem.

Esse trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: na fundamentação teórica abordaremos alguns conceitos básicos e fundamentais acerca dos estudos da Análise do Discurso (AD), expondo como objeto de estudo o “Discurso pedagógico” no contexto social e cultural de usuários da língua, assim como as acepções concernentes ao objeto de estudo da Análise do Discurso (AD) enfatizadas por Mussalin (2001). Após essas explicitações teóricas, o trabalho se encaminhará para análise *de reconto oral* constituído como *corpus* do presente trabalho, a fim de subsidiar nossas discussões, adotamos como base algumas categorias que enlaçam o discurso pedagógico, 1º quando o aluno traz o discurso de um terceiro (professor, escritor, ou outro colega de classe), 2º o aluno como porta-voz do discurso de um terceiro (professor, dentre outros), e por último o aluno como tradutor do discurso do outro, a fim de atender aos objetivos deste trabalho, no que diz respeito à prática do professor de Língua Materna (LM). E por fim este será retomado nas discussões inscritas nas considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A AD se originou na França na década de 60, nasceu sob o horizonte do marxismo e de um momento de crescimento da linguística como ciência piloto, pois acaba por se impor, com relação às ciências humanas, como uma área que atribui cientificidade aos estudos.

Jean Dubois e Michel Pêcheux foram dois autores que quando publicaram seus textos fundadores, o artigo “Lexicologia e análise do enunciado” e o livro “Análise automática do discurso”, respectivamente, em fins dos anos 1960 contribuíram para a fundação da Análise do Discurso. (GREGOLIN, 2003). Dubois foi linguista e lexicólogo, e Pêcheux um filósofo que se destacou com os debates do marxismo, da psicanálise, da epistemologia. Pêcheux desenvolve um questionamento crítico sobre a linguística, que ao contrário de Dubois, não pensa a instituição da AD como um progresso natural permitido pela linguística, ou seja, não aceita que o estudo do discurso seja apenas uma passagem natural do estudo de palavras para a análise do discurso. Para Pêcheux a instituição da AD, exige uma quebra com a epistemologia, e coloca o estudo do discurso em outro campo que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito.

Temos outro autor que contribui para a análise do discurso que é Althusser, o mesmo buscou compreender o modo de funcionamento da ideologia, e afirma que as ideologias tem existência material, podendo ser estudadas não como ideias, e sim como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Trata-se do materialismo

histórico, que dá destaque à materialidade da existência. Althusser levanta também a necessidade de se considerar que a infraestrutura determina a superestrutura, sendo que a superestrutura é o funcionamento da sociedade e o materialismo histórico, ou seja, é a base econômica que determina o funcionamento das instâncias político-jurídicas e ideológicas de uma sociedade.

A linguística aparece como um horizonte para o projeto de Althusser da seguinte forma: como a ideologia deve ser estudada na sua materialidade, a linguagem se torna uma maneira pelo qual a ideologia se materializa, ou seja, “A linguagem se coloca para Althusser como uma via por meio da qual se pode apreender o funcionamento da ideologia” (MUSSALIN, 2001, p. 14). Segundo afirma Althusser a linguagem é uma via que por meio da qual pode se compreender o funcionamento da ideologia.

Outra questão que faz parte do surgimento e fundação da análise do discurso é a psicanálise Lacaniana. Lacan faz uma releitura de Freud recorrendo ao estruturalismo linguístico, se espelhando em Jakobson e Saussure, tentando explorar com mais precisão o inconsciente, que muitas vezes é considerado uma entidade misteriosa. Conforme afirma Lacan (2003, p. 190):

[...] o inconsciente é um saber, um saber-fazer com a língua [...] “É nisto que o inconsciente, no que aqui eu o suporto com sua cifragem, só pode estruturar-se como uma linguagem, uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, a língua”.

Segundo a afirmação apontada anteriormente o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latentes que se repete e interfere no discurso efetivo, ou seja, o que falamos é uma reprodução de certa forma do discurso do outro, do inconsciente.

O inconsciente é o lugar desconhecido, estranho, de onde se origina o discurso do pai, da mãe, da família. Para Lacan (2003) “a linguagem é condição do inconsciente”. Para tanto, é importante salientar que existe uma relação entre linguagem e ideologia que determinam o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada em relação à fala (oralidade) e a escrita da criança numa conjuntura, isto é, inscrita no reconto de histórias de domínio oral, por exemplo, nos *Contos de encantamento* de Luiz da Câmara Cascudo. Visto que isso se realiza numa relação de classes, ou seja, uma relação que parte do sujeito mediador do ensino-aprendizagem (professor) e do sujeito aprendiz (aluno) e que só se realiza através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que “comporta necessariamente

mais de uma posição capaz de se confrontar uma com a outra” (MUSSALIN, 2001, p.125) que é entendida como um conjunto de atitudes e representações que se relacionam mais ou menos diretamente a posição de classes e a posição social de onde falam ou escrevem estabelecem entre si e com os outros.

Visto que uma formação ideológica pode assumir diferentes formações discursivas marcadas por “regularidades, ou seja, por ‘regras de formação’, concebidas como mecanismos de controle que determinam o interno (o que pertence) e o externo (o que não pertence) de uma formação discursiva” (MUSSALIN, 2001, p. 119). No qual uma formação discursiva impõe o que fazer (se tratando do discurso) em relação aos dizeres que partem do professor para o aluno e vice versa e aos poucos a heterogeneidade é construída, mostrada e não mostrada no ambiente escolar como podemos ver em Authier-Revuz(1990, 1998, 2004), que a hipotética ou problemática se inscreve em pesquisar a heterogeneidade discursiva a partir da noção de heterogeneidades enunciativas, que se constitui de dois tipos: a constitutiva e a mostrada. O 1º tipo refere-se aos processos de constituição do discurso, seja ele falado ou escrito e o 2º como a heterogeneidade é representada e como se constitui no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32).

Nessa perspectiva de distinção, mas não a perspectiva de “isolamento” entre as heterogeneidades constitutiva e mostrada, é que Authier-Revuz (1990, p. 26), veste os casos (eventos linguísticos) de heterogeneidade mostrada como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. Ela ainda aprecia a existência de dois tipos de enunciados, ou seja, os enunciados nos mostram e revela a heterogeneidade, com marcas explícitas que transparece naturalmente na fala ou na escrita, e nas marcas que não são mostradas.

AS TRÊS FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Na primeira fase, temos um sujeito reproduzidor da ideologia da classe dominante, ou seja, assujeitado às questões ideológicas, em que cada processo discursivo é gerado por uma máquina discursiva, cada uma delas idêntica a si mesma e fechada sobre si mesma. O discurso que se analisava nessa primeira fase era o político, como o manifesto comunista, os discursos eram homogêneos.

Na segunda fase, o que vamos perceber de novo em relação à primeira é a questão da formação discursiva tomado de empréstimo a Michel Foucault, mas o sujeito ainda é assujeitado às máquinas e o discurso analisado ainda permanece sendo o político.

Só então na terceira fase, é que vamos ter a desconstrução total da maquinaria, o sujeito dialoga uns com os outros, o discurso é heterogêneo, e passa a ocorrer o interdiscurso que é objeto de análise da terceira fase.

Após essas explicitações teóricas, o trabalho se encaminhará para análise de *recontos orais* constituído como *corpus* do presente trabalho, a fim de subsidiar nossas discussões, adotamos como base algumas categorias que enlaçam o discurso pedagógico, 1º quando o aluno traz o discurso de um terceiro (professor, escritor, ou outro colega de classe), 2º o aluno como porta-voz do discurso de um terceiro (professor, dentre outros), e por último o aluno como tradutor do discurso do outro, a fim de atender aos objetivos deste trabalho, no que diz respeito à prática do professor de Língua Materna. E por fim este será retomado nas discussões inscritas nas considerações finais.

CATEGORIA DE ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Baseando-se em estudos voltados para o campo da Análise do Discurso pretende-se estudar/verificar a categoria *o aluno como porta-voz do discurso de um terceiro ou do outro* no conto produzido por um aluno do ensino fundamental I.

ANÁLISE DE DADOS

Para efeito de análise, o trabalho se encaminhará para a análise de conto produzido por um aluno do Ensino Fundamental I da escola parceira do projeto de pesquisa “O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos” (OBSERVATÓRIO NACIONAL DA EDUCAÇÃO) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em parceira com a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Pará (UFPA). Portanto apresentamos a seguir a análise do conto que se insere dentro da categoria:

O aluno como porta-voz do discurso de um terceiro ou *outro* na narrativa oralizada:

No momento da realização desta atividade foram feitos alguns questionamentos, por exemplo: *Qual o título da história que foi contada na sala de aula? Quais os personagens da história? Você lembra-se da história que foi contada na sala de aula? Pode recontá-la?* A fim que o aluno apresentasse detalhes da narrativa, e se o mesmo compreende ou não etapas da narrativa, e se troca palavras por expressões/confusão entre palavras com a mesma sonoridade ou utiliza de outros recursos para lembrar da narrativa.

RECONTO:

ALUNO FE: **a professora disse que** O senhor esqueleto bate na porta e ai a vovó acorda, e ai vamos vovó, e ai ela (**Quem é ela? – pergunta realizada pelo professor**) e **ai a professora disse** que o esqueleto faz só um minutinho e a vovó responde: senhor esqueleto tenho que varrer uma casa. **E no livro** ele faz vamos vovó, e ai ela (**retoma a outro personagem, no caso a vovó**) faz só um minutinho senhor esqueleto tenho que fazer dois bules de chá. **E ai a professora** ele faz vamos vovó e ele pega o casaco e vai butando na vovó e ela diz só um minutinho senhor esqueleto tenho que derreter três queijos, **e novamente ela falou que** ele vamos vovó, só um minutinho senhor esqueleto tenho que colocar quatro panelas no fogo. E ele faz vamos vovó, eu já vou com você, só um minutinho senhor esqueleto tenho que fazer butar cinco farinhas na panela. Ele faz vamos vovó, e ela faz só um minutinho senhor esqueleto tenho que butar seis pratos na mesa, **e ai a professora disse** que o esqueleto antes tinha que butar quatro doces nas latas, mas antes tenho que butar oito brigadeiros na mesa.

Identificamos no Reconto 1 que o aluno traz o discurso de um terceiro – (2ª categoria), ou seja, o discurso de outro, no caso as falas do professor durante a narrativa, por exemplo, *a professora disse que O senhor esqueleto bate na porta*. Como podemos ver nesse fragmento o discurso do aluno (seja a partir do reconto) se apresenta atravessado por outros discursos, ou o discurso do “outro”, especificamente a fala do professor citada pelo aluno. Nesta direção, apresentamos Authier-Revuz (1990, p.28) que nos esclarece: “[...] sob as palavras, outras palavras são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo o discurso”, ou seja, há um cruzamento constante de discursos, no qual diferentes vozes se realizam nas produções dos recontos (heterogeneidade mostrada). É importante salientar que o fragmento destacado aponta que o aluno está inserido em uma formação discursiva, pois os aspectos observados por ele na narrativa dizem respeito ao conhecimento do professor, ou seja, a fala do professor está inscrita no seu (próprio discurso) ou discurso do outro e que remetem a formação ideológica.

Vale salientar que há outras marcas ou presença do outro no momento da enunciação (no reconto) como podemos ver *aprofessora disse que o esqueleto faz só um minutinho*. Neste fragmento o aluno reproduz um discurso do outro, ou seja, a voz da professora no momento de leitura/reconto em sala. É importante considerar até o presente momento que há uma relação constitutiva entre o sujeito produtor do discurso e o porta-voz do discurso, isto é, as condições de produção do discurso resultam do processo de comunicação/interação professor e aluno no processo escolar.

Partindo do pressuposto de que a escrita é um processo que exige envolvimento e cuidado, podemos perceber que esse processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita e das construções discursivas tem como ponte a oralidade e essa construção não acontecem de uma ora para outra, pois estes possuem semelhanças entre si, havendo elementos da oralidade que se assemelham aos da escrita como também os da escrita que se assemelham aos da oralidade. A linguagem é fundamental na formação do indivíduo, uma vez que a mesma se manifesta de várias formas desde os seus primeiros indícios de vida. No processo de formação de qualquer indivíduo, a escrita também exerce, sem dúvida, papel indispensável, ainda mais quando se vive numa sociedade permeada de atividades mediadas pela prática leitura e escrita, nas interações sociais.

CONSIDERAÇÕES EM ABERTO

Diante do que foi exposto, podemos constatar que o trabalho com “Discurso, relação discursiva, formação discursiva e ideológica” retratada nas produções escritas de sujeitos inseridos dentro do OBEDUC (Observatório Nacional da Educação), especificamente, na pesquisa “O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos”. Visto que os sujeitos que inserem na pesquisa são formadores de uma comunidade discursiva, ou seja, sujeitos produtores do próprio discurso. O uso de marcas linguísticas no escopo da análise do discurso pedagógico (ADP) como construção discursiva vem sendo trabalhada de um jeito um tanto distante da realidade, não fazendo assim com que os alunos reflitam sobre o uso da língua nas mais diversas situações comunicativas, sejam elas no âmbito escolar ou social, sendo que a linguagem é vista como um lugar de interação humana, no qual devem ser mostradas ao aluno as riquezas que as diferenças proporcionam para os falantes, demonstrando as mais diversas culturas e linguagens existentes.

Deste modo, foi possível perceber no tocante ao trabalho voltado para o discurso pedagógico e as marcas de discurso materializadas na fala/escrita de professores/alunos do

ensino fundamental como uma tendência comum, de que os alunos não perfazem, ou seja, não interagem por determinação própria, ou seja, por meio do discurso escrito ou falado, mas com receio de falar ou escrever errado, falam por falar ou escrever por escrever, não identificando os aspectos sociais, regionais e históricos, por exemplo, de uma determinada população, ou defender seu posto de vista como retomada de uma problemática social, política, econômica e cultural.

Assim, o professor de língua portuguesa (LP) necessita de conhecimentos sobre a corrente teórica que compreende a AD (Análise do Discurso) voltada para o campo pedagógico, ou seja, para o ensino, especificamente para/na educação básica (Ensino Fundamental I e II). No qual os conhecimentos adquiridos na graduação e pós a graduação tocante à oralidade, leitura e escrita na perspectiva da Análise do Discurso Pedagógico (ADP) podem ser trabalhadas nas escolas por meio de estratégias de mediação pedagógica, trazendo a realidade para sala de aula como algo novo, como um relance com diferentes atividades e que desenvolvam tal habilidade, para que futuramente, o fazer pedagógico consista exatamente no conceito de um letramento habilitado.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. In: Caderno de Estudos Linguísticos. São Paulo, 1990.

_____. **Palavras incertas – As não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____ **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.

_____. Palavras mantidas a distância. In: _____ **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.

GREGOLIN, M. do R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A. F. e SANTOS, J. B. C. dos (Orgs.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

MUSSALIN, F. Análise do discurso. IN: MUSSALIN, F. & BENTES, C. A. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

LACAN, J. – **Seminário XXIII**. EBP, seção Bahia, tradução de Mário Almeida. Salvador, 2003.